



REIS, Daniel Aarão. *Luís Carlos Prestes: um revolucionário entre dois mundos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

PRESTES, Anita Leocádia. *Luiz Carlos Prestes: um comunista brasileiro*. São Paulo: Boitempo, 2015.

Lucas Porto Marchesini Torres¹

Um vídeo recentemente publicado na internet pelo grupo humorístico Porta dos Fundos encenou o impasse entre o porteiro de um edifício e um visitante, que se chamava Luiz, mas era insistentemente tratado como Luís pelo trabalhador. Na cena, uma sucessão de pronúncias são necessárias até o estabelecimento de um consenso imperceptível aos ouvidos do espectador – motivo, talvez, de risos.² Mesmo sem distinções significativas, as diferentes grafias desse nome, além do simples humor, podem produzir consequências nem sempre harmônicas.

Nas recentes biografias sobre aquele que ficou conhecido como Cavaleiro da Esperança, publicadas pelos historiadores Daniel Reis (2014) e Anita Leocádia Prestes (2015), as diferenças são muitas e começam pela escrita do nome do biografado – para ele Luís, para ela Luiz. Nas primeiras páginas do livro de Reis, consta em nota que “atualizou-se a grafia por motivos editoriais”, com o acréscimo explicativo e diplomático de que “a grafia ‘Luís’ não substitui a adotada pelo Instituto Luiz Carlos Prestes, mas a original, que consta em sua certidão de batismo”.³ Por sua vez, a historiadora Anita Prestes, primogênita do Cavaleiro, optou por outros critérios. Segundo ela, “embora na certidão de nascimento o prenome de Prestes esteja grafado com s, durante toda a vida a grafia usada por ele [...] foi com z”.⁴ Portanto, em respeito à escolha do pai, optou pela manutenção do seu Luiz. Se as diferenças entre os dois livros não se resumem

a tal detalhe, na sua leitura comparada ele se torna sintomática ilustração das diferentes escolhas que nortearam os dois autores.

Escolhas e seleções fazem parte do ofício do historiador e os recursos que nos permitem operá-las encheriam uma caixa de ferramentas: disponibilidade de fontes, condições para acessá-las, critérios editoriais, o público ao qual se destina a produção ou mesmo – e às vezes principalmente – questões pessoais e ideológicas. Ambos autores, historiadores por formação, também possuem vínculos orgânicos com as esquerdas brasileiras: ela como militante do PCB até os anos 1980, ele como membro de uma de suas dissidências, o MR-8, e depois no PT, nas décadas de 1980 e 1990. Decerto a formação de ambos e suas trajetórias pessoais estimulam sua produção, seja no interesse pelo personagem biografado, seja nas interpretações que propõem sobre ele.

A trajetória longeva de Prestes se impõe, sem dúvidas, como uma dificuldade para seus biógrafos, obrigados a compreendê-lo em conjunturas variadas e também bastante diversas entre si, mas os dois autores organizaram seus livros de maneira muito semelhante: ele, em 536 páginas e dezessete capítulos; ela em 558 páginas e dezenove capítulos. Da mesma forma, os critérios temáticos e cronológicos que inspiraram a partição das obras em capítulos são bastante parecidos e demonstram concordância entre os autores sobre as fases da vida do biografado e suas relações com períodos da história do Brasil. As duas pesquisas também se assentam sobre um núcleo semelhante de fontes: entrevistas concedidas por Prestes nos anos 1980, documentos dos arquivos soviéticos, periódicos e documentos partidários, além de memórias de militantes e farta bibliografia sobre o PCB. Mesmo assim, Daniel Reis e Anita Prestes não deixam de divergir – e, não raro, o reverso de suas seleções se apresenta como incontornável exclusão.

As dimensões das obras e os limites desta resenha impedem uma comparação mais exaustiva sobre seus pontos de concordância e sobre as divergências que elas inspiram, de modo que se faz necessário selecionar temas e trechos que expressam suas diferenças ao mesmo tempo em que demonstram sua complementaridade, por isso merecendo destaque.

Na reconstrução que fizeram sobre a presença de Prestes na Coluna que terminou se firmando na história com seu nome apenas, mas que teve como comandante também Miguel Costa, os dois historiadores utilizam fontes ligeiramente dissonantes. Ele recorreu com maior frequência ao livro de João Alberto Lins de Barros; ela ignorou este – sequer o citou –, preferindo o livro de Lourenço Moreira Lima.⁵ Se este último foi escrito como um diário da Coluna, talvez com o fito de referendá-la, o primeiro foi redigido quando seu autor já se afastara da Coluna sem migrar para o comunismo, do outro lado do *front*, portanto. Ao utilizá-los como fontes primárias, torna-se impe-

rativo para qualquer historiador o esforço de compreensão das limitações que os dois relatos apresentam sobre a Coluna e os possíveis enviesamentos que inspiram. De modo que nenhum deles apresenta *per si* informações e versões mais ou menos legítimas, da mesma forma que nenhum deles pode ser descartado ou superestimado.

No que se refere à marcha e ao comando da Coluna, Reis relativiza o destaque comumente atribuído ao desempenho de Prestes à sua dianteira. Algo que segundo o autor foi maximizado por memórias posteriores, conforme ele demonstra no final do terceiro capítulo, citando lendas que corriam sobre o Cavaleiro.⁶ Anita Prestes, por sua vez, reitera a proeminência do pai. Para ela, por exemplo, a promoção de Prestes a general era o reconhecimento de Miguel Costa sobre uma “situação de fato”: “o papel destacado de Prestes à frente da Coluna”.⁷ Na leitura comparada dos livros sobram evidências que atendem muito bem aos argumentos dos autores, ainda que elas promovam conclusões divergentes com frequência.

E as divergências, às vezes pequenas, às vezes nem tanto, não deixam de ser significativas. Daniel Reis, por exemplo, indica que a aproximação entre Prestes e o comunismo teve início com uma visita de Astrogildo Pereira, após a Coluna partir exilada para a Bolívia, o que faz em consenso com outras versões consolidadas, enquanto Anita Prestes, com algum pioneirismo, indica raízes mais profundas – ainda que nem tanto – para o comunismo paterno. Segunda ela, o portador dos primeiros livros comunistas recebidos por Prestes na Bolívia foi o jornalista Rafael Correia de Oliveira. Com isso, ainda que sem esclarecer o quanto antes da visita de Astrogildo essa remessa chegou às mãos de Prestes, a historiadora sugere que o pai não era nenhum neófito quando das primeiras conversas com o dirigente pecebista e que ele possuía opiniões vermelhas já em construção e, sobretudo, próprias. Certamente a profundidade das raízes de Prestes no comunismo não é em si mais reveladora do que as pequenas – às vezes pequeníssimas! – disputas que giram em torno de sua demarcação.

Por outro lado, a saída de Prestes do PCB no início da década de 1980 exigiu dos dois autores uma explicação bastante mais densa, dada a complexidade da conjuntura de redemocratização brasileira e do processo de reorganização partidária nos quais se envolveram Prestes e o PCB. E novamente os autores demonstram escolhas diferentes. Daniel Reis se empenha muito mais em tecer relações entre o biografado e o contexto que o cercava, demonstrando divergências na cúpula do PCB e analisando tendências internacionais que influenciavam os comunistas. Anita Prestes, por sua vez, se aprofunda detidamente no biografado a partir de uma miríade de documentos redigida pelo próprio Prestes, construindo importante panorama de suas opiniões. Em

ambos os livros, se percebe que os desgastes entre Prestes e o PCB sofreram influências estrangeiras, ao mesmo tempo em que foram consequência de desalinho nas próprias hostes pecebistas, promovendo um racha entre o partido e seu integrante de maior visibilidade. Mais uma vez é possível notar que as diferenças percebidas em ambos os livros, em vez de se excluírem, se complementam a partir de uma leitura conjunta.

Os dois autores ainda chamam atenção para uma importante característica da personalidade de Prestes: sua larga vocação à disciplina, algo de grande valia em sua trajetória militar, no Exército ou na Coluna, e também no cotidiano de militância num partido quase sempre clandestino. Para os historiadores, esse foi um traço da personalidade de Prestes que teve origem na sua estrutura familiar – donde desponta a necessidade inequívoca de se investigar sua vida privada. Órfão de pai aos dez anos de idade, Prestes foi criado por sua mãe, dona Leocádia, uma mulher de personalidade forte e firme no propósito de criar, sozinha, seus cinco filhos. De acordo com uma abordagem psicológica da historiadora Anita Prestes, na trajetória de seu pai, “a infância e a juventude constituem períodos importantes”, onde a influência de dona Leocádia “é um aspecto fundamental para explicar as características mais marcantes do biografado no decorrer de sua vida adulta”.⁸ Consta em seu livro que sua avó, sempre interessada por política, abastecia a casa com jornais e revistas, mesmo dispondo de um orçamento nunca folgado.⁹ O forte vínculo entre mãe e filho também chamou atenção de Reis, surpreso ao descobrir que na iminência de sublevar seu batalhão em Santo Ângelo (RS, 1924), Prestes tenha providenciado tempo para escrever à mãe, observando que “não é tão usual que revolucionários, ao partirem para a ação, redijam cartas para as respectivas mães”.¹⁰ Nesse aspecto, o olhar do historiador não é mais intrometido que o da historiadora, já que ambos ratificam a importância de compreender essas relações pessoais de Prestes para explicar elementos de sua biografia.

Conforme depreende-se de uma leitura conjunta dos livros, uma abordagem sobre a vida privada de Prestes é crucial para compreender sua vida pública. E isso é demonstrado de maneira distinta pelos dois autores, decerto influenciados pelos percursos do biografado – e também pelos seus próprios. Ao longo de sua vida longa, Prestes casou-se duas vezes, a primeira, de duração mais breve, com a comunista alemã Olga Benário, assassinada em campo de concentração nazista em 1942, e a segunda com a militante do PCB Maria Ribeiro, natural de Pernambuco, três décadas mais jovem e com quem Prestes viveu do início dos anos 1950 até sua morte, em 1990. Nos dois relacionamentos, Prestes encontrou militantes tarimbadas e experientes: Olga, treinada nos serviços especiais do exército soviético e a quem caberia cuidar de sua segurança – inicialmente, talvez espioná-lo também; Maria, que filiara-se

desde pequena ao comunismo do pai, homem simples, de poucas letras, que tomou parte no mesmo *putsh* em que se arriscaram Olga e Prestes em 1935. Aos casamentos de Prestes com Olga e Maria se somavam as relações que eles sustentaram como militantes do PCB, mostrando a clara sobreposição entre sua vida privada e partidária.

É notório que as duas famílias de Prestes não recebem o mesmo destaque em cada um dos livros. Enquanto Reis se utiliza de muitas entrevistas com Maria e também com os filhos de sua relação com Prestes, esse núcleo familiar do biografado é dispensado no enredo de Anita Prestes. Tais depoimentos permitiram a Reis, por exemplo, conhecer o incômodo de Prestes ante a indiferença com que foi tratado durante visita à União Soviética após se afastar do PCB, algo que seu temperamento o impediu de registrar publicamente, mas que não deixou de ser notado pela mulher que o acompanhava nas reuniões abertas e também no âmbito privado.¹¹ Anita Prestes desconsidera esse específico foro particular do pai a pretexto de confeccionar uma biografia política, contudo não deixa de recorrer com grande frequência a entrevistas realizadas com suas tias, irmãs de Prestes. Ela, aliás, utiliza fartamente de uma inusitada categoria de fontes: “informações de Prestes dadas à autora”, “relato de Prestes à autora e às irmãs dele” ou ainda “relato de Lygia Prestes à autora”, demonstrando seu duplo esforço de ser fonte – já que aparece recorrendo à própria memória – e ao mesmo tempo historiadora, algo que não retira em hipótese alguma a legitimidade do livro, pois amplia suas apreensões.¹² Se o historiador precisou se aprofundar na vida privada de Prestes por intermédio de sua ex-esposa e de seus filhos, entrevistados durante a pesquisa, a historiadora dispensou tal intermédio por dispor ela mesmo de trânsito nesse meio, o que concede um irrefutável caráter memorialístico ao livro – ainda que não dito.

Daniel Reis se permitiu tratar – com sensibilidade e zelo, diga-se – de um ponto nevrálgico da família Prestes que a historiadora Anita Prestes preferiu não abordar. Após ficar viúva, dona Leocádia se envolveu noutra relação afetiva e teve mais duas filhas sem constituir matrimônio, algo que se tornaria um tabu familiar e que causaria alguns constrangimentos para mãe, filhos e quicá netos. A abordagem de Reis sobre a vida privada dos Prestes não revela o pueril espírito bisbilhoteiro de um historiador. Mas reflete a intenção de desmistificar os personagens de carne e osso em seu enredo. Na confluência das duas obras, dona Leocádia não sai ofendida, mas desponta humanizada, repleta de valores. Conhecendo-os, é possível aquilatar sua preponderância na vida do filho, sobretudo quando saltam aos olhos do leitor mais sensível semelhanças nos comportamentos de dona Leocádia, Olga e Maria, que sugerem que desde cedo um ideal feminino foi sendo forjado no jovem Prestes. A admiração profunda que Prestes nutria por sua mãe, mais a destacada com-

panhia que encontrou em Olga e Maria, das quais os dois livros apresentam eloquentes exemplos, não deixam dúvidas de que as relações de Prestes com as mulheres extrapolam a simples presença delas ao seu lado.

O aprofundamento na vida privada do biografado que o autor e a autora realizam, cada um a seu modo, não constitui inconveniente devassa. Ao contrário. No caso de biografias sobre o Cavaleiro da Esperança, ofendido por inúmeras perseguições policiais – essas sim, realizadas ao longo de sua vida e ao arrepio de qualquer princípio ético –, tal abordagem se torna ainda mais salutar por iluminar aspectos desconhecidos de sua trajetória. Da mesma forma, no caso de um homem tão intensamente marcado por suas relações com mulheres – Reis fala em “constelação feminina” na vida de Prestes: mãe, irmãs, esposas, filhas – faz-se imprescindível entendê-las para explicá-lo.

Os dois livros transbordam méritos e demonstram grande vigor e empenho de seus autores. No entanto, dois aspectos negativos precisam ser mencionados. É difícil não perceber que a crítica de Anita Prestes a algumas fontes não se repete nas citações em cascata que faz de depoimentos, cartas e textos do pai – algo às vezes oportuno, às vezes excessivo, sobretudo quando reconstrói debates sem dedicar a mesma atenção a todos os envolvidos na contenda. Não apenas as entrevistas, mas também muitos dos textos do Cavaleiro da Esperança citados no livro foram elaborados em períodos distantes daqueles aos quais se refere, mas são tratados como naturalmente idôneos apenas por ostentarem a firma do biografado, sem receber a crítica ou o cotejamento que toda fonte exige. O esforço da autora em conceber uma história com base em evidências – ela cita Eric Hobsbawm para se declarar “fiel ao compromisso do historiador com a evidência”¹³ – foi bem-sucedido, mas não o suficiente para superar as limitações de uma história incontornavelmente oficial, já que no livro as fontes que levam a firma do biografado ganham proeminente destaque em detrimento de outras.

Um aspecto negativo do livro de Daniel Reis, talvez por opção editorial, é que ele apresenta poucas referências, o que pode fragilizar seus argumentos e dificultar futuras verificações de pesquisadores interessados. Além de poucas – em vários capítulos as notas sequer chegam a 20, enquanto no livro de Anita Prestes elas podem ser contadas às dezenas e até centenas –, as notas de Reis às vezes se mostram também imprecisas, se reportando de forma genérica a parágrafos longos e onde abundam informações carentes de referência precisa. Tal inconsistência, mesmo que justificada por critérios editoriais, não deixa de pesar contra o historiador, especialmente quando a mesma editora publicou vigorosas biografias de Carlos Marighela e Getúlio Vargas, ambas escritas por jornalistas cujo zelo com suas referências e notas é de dar inveja à tarimba historiográfica.¹⁴

Nos debates acadêmicos e historiográficos, a divergência deve servir para questionar e consolidar argumentos, nunca para estabelecer um dito lado certo em detrimento de outro supostamente errado. Pensando no grande público, não seria necessário recomendar a escolha por um dos autores porque ambos apresentam excelentes reconstruções da vida de Prestes, podendo ser escolhidos de maneira aleatória. No entanto, para os leitores mais especializados, sobretudo os historiadores, a escolha por um ou outro livro é nada oportuna – ainda que algum dos autores possa eventual e pretensamente discordar. Os dois livros assumem um valor geminado e indissociável, pois apenas juntos demonstram as vicissitudes que caracterizam o ofício do historiador. Nenhum dos autores dispensa as evidências para construir seus argumentos, mas demonstram que elas promovem interpretações sempre diversificadas e, por isso mesmo, estimulantes.

Juntas, as duas obras abastecem um riquíssimo debate sobre o personagem em tela. Sua leitura comparada, em acréscimo, estimula debates teóricos sobre a escrita da História e o lugar de fala de historiadores, estimulados sobremaneira pela comparação da vida privada e pública de Prestes e sua influência sobre os autores. A leitura conjunta dos dois livros precisa recusar qualquer argumento *ad hominem* que tente por ventura restringir sua compreensão às trajetórias e aos vínculos políticos dos autores. As diferenças entre as duas biografias são positivamente complementares e, em suas páginas, Luís Carlos Prestes e Luiz Carlos Prestes são a mesma pessoa, mas apresentado por diferentes olhares e escolhas.

NOTAS

1. Doutorando em História Social na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Contato autor: lucaspmt@hotmail.com
2. Vídeo disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-hhjliafcFY>>, acesso em: 22 abr. 2016.
3. REIS, Daniel Aarão. *Luís Carlos Prestes: um revolucionário entre dois mundos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p. 7.
4. PRESTES, Anita Leocádia. *Luiz Carlos Prestes: um comunista brasileiro*. São Paulo: Boitempo, 2015, p. 15.
5. BARROS, João Alberto Lins de. *A Marcha da coluna*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1997 e LIMA, Lourenço Moreira, *A Coluna Prestes: marchas e combates*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1979.
6. REIS, *Op. cit.*, p. 83-4.
7. PRESTES, *Op. cit.*, p. 86.
8. *Ibidem*. p. 16.

9. Idem, p. 24.
10. REIS, *Op. cit.*, p. 52.
11. Idem, p. 438-9.
12. PRESTES, *Op. cit.*, p. 124, 161 e 201, respectivamente.
13. Idem, p. 20.
14. MAGALHÃES, Mário. *Marighella: o guerrilheiro que incendiou o mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012 e NETO, Lira. *Getúlio*. São Paulo: Companhia das Letras, 3 volumes, 2012, 2013 e 2014.